

ALIAHONA

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • SETEMBRO DE 1992



A LIAHONA

SETEMBRO 1992



Na capa:

Hong Kong mescla a sabedoria do velho mundo e a tecnologia moderna com uma surpreendente beleza natural, mas as verdadeiras pérolas da colônia são o povo. Vide "Pérolas do Oriente", página 34.
Fotografia de Liisa Berg.

Capa da Seção Infantil:

Noite Familiar, acrílico de William J. Parkinson, de Midvale, Utah.
Selecionado para o primeiro concurso internacional de arte, patrocinado pelo Museu de História e Arte da Igreja, de Salt Lake City, Utah.

DESTAQUES

MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA: A LONGA FILA DOS SOLITÁRIOS PRESIDENTE THOMAS S. MONSON	2
NAS ASAS DA ORAÇÃO REGGIE R. VAN WAGONER	8
INUNDAÇÕES, VENTOS E AS PORTAS DO INFERNO ARTHUR R. BASSETT	26
PÉROLAS DO ORIENTE KELLENE RICKS	34

ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

MENSAGEM MÓRMON: INDO A LUGAR NENHUM?	13
TRÊS DA NOVA ZELÂNDIA JANET THOMAS	14
AINDA NÃO ERA MINHA HORA CARLOS JOSÉ GARCIA	20
FAZER A DIFERENÇA GERI CHRISTENSEN	46

DEPARTAMENTOS

COMENTÁRIOS	1
PERGUNTAS E RESPOSTAS: POR QUE NÃO ESTAMOS LEVANDO O EVANGELHO A TODAS AS NAÇÕES? DANIEL H. LUDLOW	22
MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES: EDIFICAR O LAR	25

SEÇÃO INFANTIL

JOSEPH E SMITH KELLENE RICKS	2
QUERIDAS CRIANÇAS: UMA MENSAGEM DA PRESIDÊNCIA GERAL DA PRIMÁRIA	4
DEVAGAR DEMAIS JEANNE N. BURGON	6
ANJO DA PRIMÁRIA CHARLES E. DAVIS	8
TEMPO DE COMPARTILHAR: MEU LAR E MINHA VIZINHANÇA VIRGINIA PEARCE	12
PEDRO AYALA ESPINOSA CORLISS CLAYTON	14

SETEMBRO de 1992, Vol. 16, n° 9
92989 059 São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo
dos Santos dos Últimos Dias.

A Primeira Presidência:

Ezra Taft Benson, Gordon B. Hinckley, Thomas S.
Monson

Quorum dos Doze:

Howard W. Hunter, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L.
Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A.
Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell
Ballard, Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott

Consultores:

Rex D. Pinegar, Charles Didier, Robert E. Wells

Editor: Rex D. Pinegar

Diretor Gerente do Departamento de Currículo: Ronald L.
Knighton

Diretor de Revistas da Igreja: Thomas L. Peterson

International Magazines:

Editor Gerente: Brian K. Kelly

Editor Gerente Assistente: Marvin K. Gardner

Editor Associado: David Mitchell

Editora Assistente/Seção Infantil: DeAnne Walker

Supervisão de Arte: M. M. Kawasaki

Diretor de Arte: Scott D. Van Kampen

Desenho: Sharrl Cook

Produção: Reginald J. Christensen, Steve Dayton, Jane
Ann Kemp, Denise Kirby

Controlador: Diana W. Van Staveren

Programação: Diana W. Van Staveren

Gerente de Circulação: Joyce Hansen

A Liahona:

Diretor Responsável e Produção Gráfica: Dario Mingorance

Editor: Paulo Dias Machado

(Reg. 8966-35-02 - RJ)

Tradução e Notícias Locais: Ana Gláucia C.P. Ceciliato

Assinaturas: Carlos Tadeu de Campos

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE
CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob
n° 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas
deverá ser endereçada ao:

Departamento de Assinaturas,
05599-970 - Caixa Postal 26023,
São Paulo, SP.

Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 20.000,00;
para Portugal - Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Rua
Aquiles Machado, 5M5J - 1900 - Lisboa. Assinatura Anual
Esc. 500; para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea, US\$
10,00. Preço de exemplar em nossa agência: Cr\$ 1.700,00.
As mudanças de endereço devem ser comunicadas
indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA - © 1977 por A Igreja de Jesus Cristo dos
Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados.
Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja
de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se
registrada sob o número 93 do Livro B, n° 1, de Matrículas
e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o
Decreto n° 4857, de 9-11-1930. A Liahona, revista
internacional de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos
Últimos Dias é publicada mensalmente em chinês,
holandês, dinamarquês, inglês, finlandês, francês,
alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês, português, samoano,
espanhol, sueco e tonganês; bimensalmente em indonésio,
tailandês e tailandês; e trimestralmente em islandês.
Impressão: ULTRAPRINT Impressora Ltda. - Rua Bresser,
1224 - Brás - São Paulo - SP.

Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos
o direito de publicar somente os artigos solicitados pela
redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações
para apreciação da redação e da equipe internacional do
"International Magazine". Colaborações espontâneas e
matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações
editoriais.

Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato,
2.430 - Telefone (011) 814-2277.

The A Liahona (ISSN 0885-3169) is published monthly by
The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 East
North Temple, Salt Lake City, Utah 84150. Second-class
postage paid at Salt Lake City, Utah and at additional
mailing offices. Subscription price \$9.00 a year. \$1.00 per
single copy. Thirty days' notice required for change of
address. When ordering a change, include address label
from a recent issue; changes cannot be made unless both
the old address and the new are included. Send U.S.A. and
Canadian subscriptions and queries to Church Magazines,
50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150.
U.S.A. Subscription information telephone number 801-
240-2947.

POSTMASTER: Send address changes to A LIAHONA
at 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah
84150, U.S.A.

COMENTÁRIOS

AS TORRES MODERNAS

A *Liahona* (em espanhol) me faz
lembrar o Rei Benjamim comunicando ao
povo, do alto da torre, o desejo de nosso
Pai Celestial. (Vide Mosiah 2:8.)

Os profetas do Senhor, hoje,
comunicam-se com os santos por meio de
muitas "torres" modernas, como a revista
da Igreja. Somos abençoados por tê-la em
nossa própria língua, a fim de que
possamos estudar a palavra de Deus e ser
por ela beneficiados.

Raúl Edgardo Cárcamo J.

Ala La Lima

Estaca La Lima Honduras

BELA EXPERIÊNCIA

Por algum tempo tenho hesitado, mas
agora sinto que devo escrever-lhes para
agradecer pelo maravilhoso artigo
publicado na *Der Stern* (em alemão). Um
dos artigos ("O Templo e a Obra Nele
Realizada", de Élder David B. Haight,
Conferência Geral de outubro de 1990)
me proporcionou uma das mais belas
experiências de minha vida.

Fui batizada em fevereiro de 1991 e
recebi o exemplar da revista de janeiro
de 1991, que contém os discursos da
conferência. Ao ler o discurso de Élder
Haight, decidi que seria batizada em
favor de minha mãe falecida, tão logo me
fosse possível ir ao templo. Mais tarde,
minha mãe apareceu ao lado de minha
cama, dizendo-me que havia aceitado o
batismo.

Serei eternamente grata ao Pai

Celestial por uma experiência espiritual
que nunca esquecerei — experiência essa
proveniente da leitura da revista.

Erika Giesen

Ala Gluckstadt

Estaca Alemanha Neumunster

ZELO ARDENTE

Desejo agradecer-lhes pela maravilhosa
revista. *Lys Over Norge* (em norueguês) é
magnificamente planejada. Seus artigos
me conduzem, freqüentemente, de um
estado espiritual negativo ao desejo
ardente de viver o Evangelho de Jesus
Cristo.

Quando servi no exército senti-me
particularmente grato pela revista, pois eu
era o único santo dos últimos dias, e os
artigos me animavam e, com freqüência,
faziam-me chorar de alegria.

Terje Hoel

Ala Moss

Estaca Oslo Noruega

NOTA DO EDITOR

Somos imensamente gratos a nossos
leais leitores e os convidamos a nos
enviarem cartas, artigos e histórias. A
língua não é barreira. Incluam nome
completo, endereço, ala ou ramo, e estaca
ou distrito. Apreciamos as cartas já
recebidas e aguardamos mais cartas de
nossos leitores. Nosso endereço é
International Magazines, 50 East North
Temple Street, Salt Lake City, Utah
84150, U.S.A.



A Longa Fila dos Solitários

Presidente Thomas S. Monson

Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

A epístola de Tiago é, há muito, um de meus livros favoritos da Bíblia Sagrada. Considero sua breve mensagem tanto comovente como cheia de vida. Não há quem não saiba citar aquela conhecida passagem: “Se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente e o não lança em rosto, e ser-lhe-á dada” (Tiago 1:5). Quantos de nós, porém, nos lembramos desta definição de religião? “A religião pura e imaculada para com Deus, o Pai, é esta: Visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações, e guardar-se da corrupção do mundo” (Tiago 1:27).

A palavra *viúva* parece ter um sentido muito significativo para nosso Senhor. Ele admoestou seus discípulos a se acautelarem com o exemplo dos escribas que, com seus longos trajes e orações sem fim, aparentavam retidão, mas apossavam-se das casas das viúvas. (Vide Marcos 12:38,40.)

Aos nefitas fez esta advertência: “E chegar-me-ei a vós para juízo; e serei uma testemunha veloz contra os . . . que oprimem . . . a viúva” (3 Néfi 24:5).

**Ao cuidarmos dos
necessitados,
lembremo-nos de incluir
nossos filhos nessas
lições de vida.**

Ao Profeta Joseph Smith, ele disse: “E o celeiro deverá ser conservado pelas consagrações da igreja; e as viúvas e os órfãos, assim como os pobres, serão amparados” (D&C 83:6).

Esses ensinamentos não eram novos então. Não são novos hoje. O Mestre ensinou consistentemente, pelo exemplo, sua preocupação com a viúva. Compadeceu-se da viúva de Naim, cujo único filho estava morto, prestes a ser sepultado; restaurou-lhe o sopro da vida, restituindo o filho à mãe desolada. A viúva de Sarepta, que morria de fome com seu filho, enviou o profeta Elias com o poder de pregar a fé e também prover alimento.

Talvez digamos a nós mesmos: “Mas isto foi há muito tempo, em outras terras distantes”, ao que respondo: “Existe uma cidade chamada Sarepta perto de onde moram? Ou algum lugar conhecido como Naim”? Podemos chamar nossas cidades de Columbus ou Coalville, Detroit ou Denver. Não importa o nome, lá vive uma viúva, muitas vezes sem filhos. A necessidade é a mesma. A aflição é real.

A casa de uma viúva não costuma ser grande ou pomposa. Quase sempre é bem pequena e de aparência humilde, muitas vezes escondida no fundo do quintal ou no último andar de um prédio, tendo um único cômodo. Aos lares assim é que ele nos envia.

Talvez haja necessidade concreta de roupas e alimentos — e até mesmo de acomodação. Isso tudo pode ser suprido. Quase sempre resta a esperança de uma mensagem especial que alimente a alma.

Visitai o só, o desalentado.

Confortai o triste, cansado.

Espalhai bondade pelo caminho,

Tornando o mundo hoje mais luminoso.

(Mrs. Frank A. Breck.)

O número das pessoas com necessidades especiais aumenta dia a dia. Reparai no obituário de vosso jornal. Ali se descortina o drama da vida. A humanidade inteira está à mercê da morte. Ela leva os idosos de passos vacilantes. Seu chamado é ouvido pelos que mal

venceram metade da etapa da vida, e muitas vezes silencia o riso de crianças pequenas.

Depois que murcham as flores das coroas, as palavras de consolo dos amigos se tornam recordações, as preces e mensagens vão-se apagando nos meandros da mente. Os que choram freqüentemente se unem à imensa multidão que chamo de “A Longa Fila dos Solitários”. Ficou a saudade do riso das crianças, do entusiasmo dos adolescentes e do carinho amoroso do companheiro que partiu. O relógio parece mais barulhento, o tempo custa mais a passar, e as quatro paredes se tornam uma prisão.

Esperemos que todos voltemos a ouvir o eco das palavras do Mestre: “Quando fizestes a um destes meus pequeninos . . . , a mim o fizestes” (Mateus 25:40).

Ao resolver cuidar mais diligentemente dos necessitados, lembremo-nos de incluir nossos filhos nessas lições de vida.

Tenho muitas recordações de minha infância. Aguardar ansiosamente o jantar de domingo é uma delas. Justamente quando nós, crianças, já nos considerávamos à beira da inanição e rodeávamos a mesa posta na sala recendendo ao aroma apetitoso do assado, minha mãe me dizia:

“Tommy, antes de começarmos, leve depressa este prato ao velho Bob e volte correndo.”

Jamais consegui entender por que não podíamos jantar primeiro e depois levar o prato de comida. Nunca reclamei em voz alta, mas corria à casa de Bob e ficava esperando impacientemente que ele abrisse a porta com seus passos claudicantes. Então eu lhe entregava o prato de comida e ele me devolvia o prato limpo do domingo anterior. A seguir, me oferecia uma moedinha por meus serviços, ao que sempre respondia:

“Não posso aceitar. Minha mãe me daria uma surra.”

Então ele afagava meus cabelos com a mão enrugada e dizia:

“Rapaz, você tem uma mãe e tanto. Diga-lhe que agradeço muito.”

Acho que nunca transmiti o recado. Achava que não precisava dizer, ela já sabia. Parecia sentir a gratidão dele. Lembro-me, também, de que o jantar de domingo



**Precisamos aliviar o fardo
do aflito e consolar o
coração solitário.**

Cada um de nós tem sua própria maneira de lembrar-se do próximo. Na época do Natal, gosto muito de visitar as viúvas e os viúvos da ala na qual fui bispo. Eram então oitenta e sete — hoje reduzidos a oito. Nessas visitas, nunca sei o que esperar, mas de uma coisa eu sei — tais visitas permitem-me sentir o espírito do Natal, que, na realidade, é o Espírito de Cristo.

Acompanhai-me, e juntos faremos uma ou duas visitas.

Em uma instituição para idosos, na rua First South, talvez interrompamos, conforme me aconteceu há anos, uma partida de futebol profissional. Diante da TV estavam sentadas duas viúvas, bem vestidas e agasalhadas — e totalmente absorvidas no jogo. Perguntei:

“Quem está ganhando?”

“Nós nem mesmo sabemos quem está jogando, mas pelo menos é companhia.”

Sentado entre aqueles dois anjos, expliquei-lhes o jogo de futebol americano. Foi o melhor jogo de que me lembro. Posso ter perdido uma reunião, mas colhi uma recordação.

Vamos depressa até a Estrada Redwood. Ali existe uma instituição bem maior, na qual vivem muitas viúvas. A maioria está sentada na bem iluminada sala-de-estar, mas uma das que devo visitar está de cama, sozinha em seu quarto. Não pronunciou uma só palavra depois de um devastador derrame há alguns anos. Quem sabe até onde ela consegue ouvir e entender? Por isso, recordo os bons velhos tempos que passamos juntos. Não há o mínimo sinal de reconhecimento, nem uma só palavra. Uma atendente pergunta se eu sei que ela não fala há anos. Não faz nenhuma diferença. Não só apreciei minha conversa unilateral com ela — como também comunguei com Deus.

Há uma outra casa de repouso na rua West Temple, onde residiam quatro viúvas. Nunca se passava pela entrada sem notar uma cortina entreaberta, revelando alguém esperando horas a fio a chegada de um amigo. Que recepção! Recordavam-se bons tempos, talvez houvesse um presente simples, dava-se uma bênção; então chegava a hora de ir. Jamais conseguia sair, sem

sempre me parecia ainda mais gostoso depois que eu voltava daquela missão.

O velho Bob entrou em nossa vida de modo interessante. Era viúvo, com mais de oitenta anos, quando a casa em que morava ia ser demolida. Ouvi-o falar de seu problema ao meu avô, um dia em que nós três estávamos sentados na varanda da frente. Com voz lamentosa, dizia:

“Não sei o que fazer. Não tenho família. Não tenho para onde ir. Não tenho dinheiro.”

Fiquei imaginando o que meu avô responderia. Vagarosamente, ele enfiou a mão no bolso, tirou a velha carteira da qual provinham as moedinhas para um doce, quando pedíamos. Desta vez tirou dela uma chave e a entregou ao velho Bob, dizendo bondosamente:

“Bob, tome a chave da casinha que tenho aqui do lado. Fique com ela. Traga suas coisas para cá e use-a enquanto quiser. Não precisa pagar aluguel e ninguém vai pedir-lhe que se mude.”

Os olhos do velho Bob se encheram de lágrimas, que lhe escorreram pelas faces, sumindo na longa barba branca. Os olhos de meu avô também estavam úmidos. Fiquei calado, mas naquele dia meu avô me impressionou de verdade. Senti orgulho de ter o mesmo nome que ele. Embora na época fosse apenas um menino, aquela lição influenciou minha vida.



**Depois que murcham as
coroas de flores e as palavras
de consolo dos amigos se
tornam recordações, os que
choram engrossam a longa
fila dos solitários.**

primeiro ouvir o pedido de uma viúva de quase cem anos. Embora fosse cega, ela costumava dizer:

“Bispo, quero que fale no meu funeral e recite de memória o poema de Alfred Lord Tennyson, “Cruzando os Limites”. Ouçamo-lo recitá-lo agora!” Eu concordava, recitando:

*Põe-se o sol, surge a estrela vespertina,
E ouço claro o chamar!
Pode ser que não haja tristeza por mim,
Ao partir, ao me afastar . . .
A luz tênue, o ressoar do sino,
E depois, a treva!
Pode ser que não haja a tristeza do adeus,
Ao embarcar na nau que me leva;
Pois, mesmo que deste lugar no tempo e espaço
Pareça que as vagas me levem tão longe,
Espero contemplar face a face meu Piloto,
Após haver cruzado os limites.*

Seus olhos se enchiam de lágrimas e depois, com um sorriso, ela dizia:

“Tommy, você esteve ótimo, mas trate de fazê-lo um pouco melhor no funeral.” Mais tarde, eu atendi ao seu pedido.

Quando nosso querido Presidente Spencer W. Kimball se reuniu certa vez com alguns visitantes de um país em que existem muitos necessitados, ele não quis saber de estatísticas, mas indagou: “Nossa gente tem o que comer? Estão cuidando das viúvas?” Ele estava preocupado com elas.

Durante a gestão do Presidente George Albert Smith, havia em nossa ala uma viúva pobre que cuidava de suas três filhas, todas inválidas. Elas eram pessoas avantajadas e praticamente não conseguiam ajudar em nada. E essa querida irmã tinha de cuidar das filhas, banhá-las, alimentá-las e vesti-las. Os recursos eram limitados. Não havia quem ajudasse. Depois recebeu o golpe de que a casa onde moravam ia ser vendida. O que ela faria? Para onde iria? O bispo consultou a administração da Igreja, para ver se haveria um meio de se comprar a casa. Era tão pequena, o preço tão razoável. O pedido foi estudado

e negado. O bispo, cabisbaixo, ao sair pela porta principal do prédio, encontrou o Presidente George Albert Smith. Após haverem-se cumprimentado, o Presidente Smith perguntou-lhe o que fora fazer ali na sede. Ouviu atentamente as explicações do bispo, mas nada disse. Depois, pediu licença por uns instantes. Voltando minutos mais tarde, disse sorrindo:

“Suba ao quarto andar. Há um cheque à sua espera. Compre a casa!”

“Mas o pedido foi negado!”

Sorrindo novamente, o Presidente Smith disse: “Acaba de ser reconsiderado e aprovado.” A casa foi adquirida. A boa viúva morou nela e cuidou das três filhas enquanto viveram. Depois, ela também foi para junto de Deus, receber sua recompensa celestial.

A liderança da Igreja se preocupa com a viúva, o viúvo, o solitário. Podemos nós preocupar-nos menos com eles? Lembramos que, no meridiano dos tempos, surgiu no firmamento uma estrela brilhante. Homens sábios a seguiram e encontraram o Menino Jesus. Hoje homens sábios continuam perscrutando o céu em busca de uma certa estrela brilhante. Ela nos guiará para nossas oportunidades. O fardo dos aflitos será aliviado, a fome dos famintos será satisfeita, o coração solitário será consolado — e almas serão salvas — vossas, deles, minha. Se realmente prestarmos atenção, conseguiremos ouvir uma voz distante dizendo-nos, assim como disse a um outro: “Bem está, servo bom e fiel.” (Mateus 25:21.) □

IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES

1. Tanto nas palavras como nas ações, o Senhor tem, consistente e vigorosamente, ensinado que devemos cuidar das viúvas, dos órfãos e dos pobres.
2. O número de pessoas com necessidades especiais aumenta dia a dia.
3. Em todas as cidades, alas e ramos, há os que necessitam de ajuda. Quem podereis ajudar?
4. Ao resolver cuidar mais diligentemente dos necessitados, lembremo-nos de incluir nossos filhos nessas lições de vida.

Em 1942, a jovem Alexandria iniciou uma jornada de oitocentos quilômetros pela Rússia devastada pela guerra. Embora a distância até sua casa parecesse quase intransponível, ela encontrou coragem na oração.

NAS ASAS DA ORAÇÃO

Reggie R. Van Wagoner

No verão de 1941, quando Alexandria Safronova tinha apenas dezessete anos de idade, os exércitos alemães voltaram as atenções para o leste e rapidamente invadiram sua terra natal russa. Embora sentisse por algum tempo que os crescentes conflitos na Europa lhe afetariam a vida, a ruína que trouxeram a ela e a sua família foi mais devastadora do que poderia ter imaginado.

Nascida na República da Ucrânia em 1924, Alexandria era uma das quatro filhas de Michael e Hannah Safronova. Michael era um vizinho gentil, um trabalhador diligente e adorava cavalos. Hannah era uma mulher de grande fé, que orava freqüentemente, mas sempre em silêncio, pois na Ucrânia era proibido praticar e ensinar religião em casa. Alexandria aprendeu valiosas lições com os pais, mas foi com a mãe que aprendeu a confiar em Deus.

Um exemplo da fé ardente de sua mãe deixou uma impressão indelével em Alexandria, na época com apenas nove anos. Certo dia, o pai, que trabalhara arduamente no campo, voltou cedo para casa com uma febre muito alta. Hannah imediatamente reuniu as crianças, pediu-lhes que permanecessem quietas e então ajoelhou-se ao lado da cama e proferiu uma oração silenciosa. Ao levantar-se, sorriu para as crianças que



**Alexandria aos
dezessete anos.**

estavam preocupadas e disse-lhes: “Seu pai vai ficar bom logo”. Naquele mesmo dia a febre baixou e ele pôde retornar ao trabalho. Alexandria nunca se esqueceu dessa experiência.

Por volta de novembro de 1941, as forças alemãs chegaram até Moscou e Leningrado. Nesse mês, Alexandria casou-se com um soldado russo que escapara do cativeiro. Com a guerra em seu encalço, fugiram para o extremo norte, para viver com a família do marido de Alexandria. Logo, porém, a guerra os alcançou, e eles e muitas outras famílias foram forçados a se esconder durante quatro meses numa floresta próxima.

Freqüentemente, Alexandria ficava vários dias sem ver o marido. Juntamente com vários outros jovens, ele se filiou a um grupo da resistência, que atacava comboios inimigos. Alexandria temia pela vida dele, mas nada podia fazer. Além disso, para piorar a situação, havia ressentimento por parte dos familiares do marido, com relação a Alexandria. Por ser ela da Ucrânia e falar uma língua diferente, eles a consideravam inferior. “Era tudo muito deprimente”, relembra ela. “Eu chorava o tempo todo”.

Uma noite o marido de Alexandria chegou e deu-lhe a maior decepção da vida: disse-lhe que não somente se



aliara aos nazistas, mas também exigia que ela fosse embora e que nunca mais retornasse. Alexandria, amedrontada pelo comportamento hostil e ameaçador do marido, partiu. Ela nunca mais o viu.

A jornada de aproximadamente oitocentos quilômetros para a casa dos pais parecia impossível. A distância era desalentadora e ela não tinha provisões. Para piorar as coisas, era inverno. Aqueles temores, porém, não eram nada, comparados ao pensamento de viajar sozinha por uma zona de guerra. Alexandria se lembra de ter permanecido sentada sozinha na neve, fraca e faminta, com lágrimas geladas escorrendo pelas faces. Ficou inconsolável até que se lembrou das orações da mãe, e decidiu-se a orar pela primeira vez: "Ajuda-me. Ajuda-me a encontrar o caminho de casa". Ela não tinha certeza se a oração fora ouvida, mas ainda assim começou a perigosa viagem.

Os dias de inverno passaram vagarosos. Como se fosse em resposta à sua oração, alguém, ao longo do caminho, deu-lhe um mapa. Essa centelha de esperança a fez prosseguir, de fazenda em fazenda e de cidade em cidade, dia após dia. Ao entardecer, ela pedia a estranhos que lhe arrumassem um lugar para dormir — no chão ou no celeiro, não importava, contanto que fosse no interior da propriedade, para que não fosse presa — e fuzilada — por violar o toque de recolher. O alimento era tão escasso que nada tinha para comer senão poucos restos de pão velho e cascas de batata, que pegava às escondidas das latas de lixo, depois que os donos da casa se recolhiam para dormir.

Certa tarde, após uma longa e incomum caminhada em neve alta, Alexandria estava exausta e sabia que não conseguiria caminhar até a próxima cidade antes do toque de recolher. Ela estava com medo porque sabia que os soldados alemães estavam na região. De repente, três carroças de feno puxadas por cavalos e conduzidas por soldados alemães, apareceram na estreita estrada. Como Alexandria se havia escondido nas proximidades, teve uma idéia. Se ela subisse em uma das carroças sem ser notada, poderia chegar à próxima cidade antes do escurecer. A última carroça passou e ela executou o plano desesperado. Correndo com todas as forças,

conseguiu agarrar uma vara presa na traseira da carroça e subir nela.

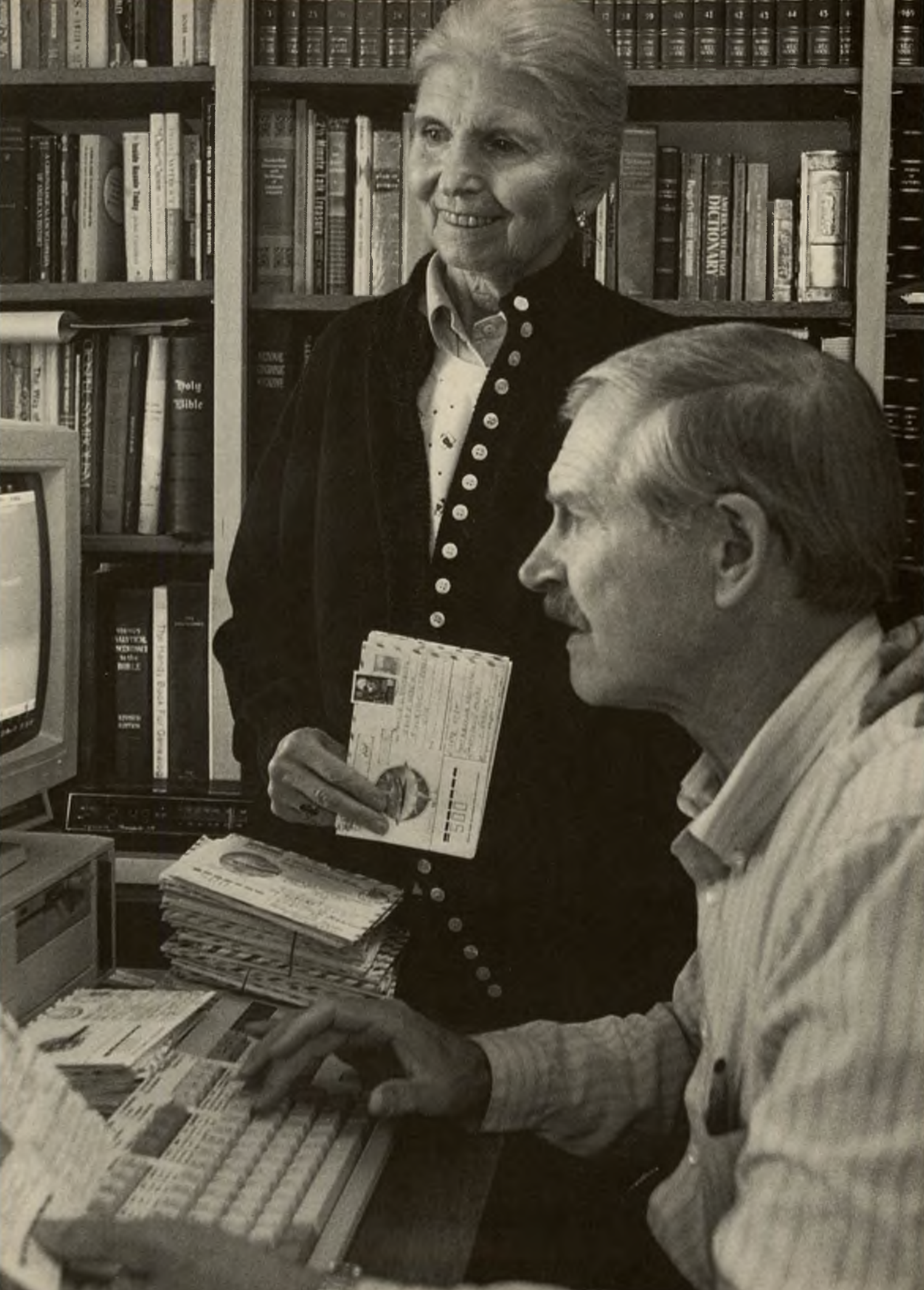
Alexandria viajou com certo conforto até que, alguns quilômetros depois, o comboio parou abruptamente. Ela ficou paralisada de medo. Ao som de passos se aproximando, cerrou os olhos e fez uma oração silenciosa. "Por favor, ajude-me querido Deus!" Os passos se aproximaram, então pararam bem ao lado dela. Alexandria levantou a cabeça para ver os olhos piedosos de um jovem soldado que lhe fez sinal para permanecer quieta. Em seguida, ele voltou aos seus colegas sem revelar a descoberta. O comboio prosseguiu, e Alexandria chegou em segurança à próxima cidade.

"Sei que o Pai Celestial estava cuidando de mim e me ajudando", declara ela, com os olhos marejados de lágrimas de emoção.

Após semanas de viagem, Alexandria chegou em casa, magra e fraca, mas muito feliz por poder rever a família. Não muito depois, contudo, os alemães recrutaram todos os jovens fisicamente capazes, e os enviaram de trem para a Alemanha, para ajudar no esforço de guerra. Alexandria não foi exceção. Ela não sabia que o campo de Dachau, onde viveu durante três meses, ocultava horrores indescritíveis para outras pessoas. Dali Alexandria foi removida de fazenda em fazenda, realizando várias tarefas, até que as forças de libertação americanas entraram na Alemanha, na primavera de 1945.

Terminada a guerra, Alexandria planejava retornar para a casa de seus pais, mas ficou doente. Passou duas semanas num hospital e perdeu o trem. Hoje ela reconhece que isso foi uma bênção; os russos que retornaram enfrentaram grandes dificuldades, e as condições de vida eram bem melhores na Alemanha do que na Rússia. Enquanto vivia num acampamento de expatriados, em 1945, Alexandria conheceu um soldado americano de boa aparência. Após meses de namoro, casaram-se e dois anos depois o sargento Ronnie Graybeal levou a jovem esposa para os Estados Unidos.

Quando dois missionários santos dos últimos dias visitaram a família Graybeal em 1959, Alexandria percebeu que a mensagem deles era especial. Tanto o marido como os dois filhos também foram tocados.



Assim, os Graybeals se prepararam para o batismo. Quando o irmão Ronnie soube que a Força Aérea o havia transferido para a Alemanha, decidiu ser batizado antes de partir. Alexandria, entretanto, esforçava-se por saber se Joseph Smith era mesmo um profeta de Deus. Algum tempo depois, após a mudança da família para a Alemanha, seu marido disse: "Se realmente quer saber, pergunte ao Pai Celestial". Nessa noite, Alexandria fez exatamente isso. "Não sei o que aconteceu", ela explica, "mas, na manhã seguinte sabia que Joseph Smith era um profeta". Alexandria e os dois filhos foram batizados pouco tempo depois em Kerlsrue, Alemanha Ocidental, em junho de 1960.

"Senti-me maravilhosamente bem", declara a irmã Graybeal ao recordar o batismo. "Meu testemunho ficou mais forte depois disso; fiquei com uma sede tão insaciável de conhecimento do evangelho que o estudava constantemente. Foi como atravessar uma porta e descobrir o brilho da luz. Foi lindo."

Alexandria ficou vinte e nove anos sem ver sua terra natal. Não obstante, durante aqueles anos, correspondeu-se com os pais e uma irmã. Embora quisesse visitá-los, o visto de entrada lhe foi negado inúmeras vezes. Finalmente, em 1972, obteve permissão para visitar a família. O reencontro foi amargo e doce ao mesmo tempo: a mãe e duas das irmãs haviam falecido e o pai já idoso estava cego. Mesmo assim, foi bom estar de volta ao lar com o pai, a irmã Katrina e os parentes e amigos chegados.

Certa ocasião, a família visitou o cemitério onde a mãe de Alexandria estava enterrada. Tomada pela emoção, Katrina precipitou-se sobre o túmulo entre lágrimas. Alexandria ajoelhou-se ao lado dela e explicou que a morte não era o fim, que a mãe ainda vivia em espírito e que no futuro poderiam estar juntas novamente. Katrina ficou intrigada, mas seu olhar mostrava esperança, e assim Alexandria explicou o plano de salvação da maneira mais simplificada que pôde. Katrina ouviu atentamente, depois voltou-se para o pai que também ouvia. "Pai, acredita no que ela diz?" Ele inclinou a cabeça em sinal de assentimento, enquanto chorava. Alexandria prestou testemunho e notou um vislumbre de entendimento em seus semblantes. Nunca

havam falado a respeito disso antes. Uma semente da verdade fora plantada.

Hoje, a felicidade, a força espiritual e o profundo senso de gratidão de Alexandria, atestam de maneira extraordinária que o compromisso com o evangelho tem orientado sua vida. As provações de quando era uma jovem de dezessete anos ainda estão vívidas na lembrança, mas a tristeza se desvanece quando fala alegremente sobre as recentes mudanças na Europa e na antiga União Soviética. Ela tem certeza de que, como sua própria família, muitas pessoas lá estão sendo preparadas para o dia em que haverá uma grande colheita de almas em sua terra natal.

Na verdade, a irmã Graybeal já lançou sua foice. Há vários meses os Graybeals, com a ajuda de outros, têm enviado à Rússia uma média de cem volumes de presentes por mês. Cada volume contém um exemplar da Bíblia, do Livro de Mórmon e do livro Princípios do Evangelho, bem como um folheto da Primeira Visão, uma gravura de Jesus Cristo e uma carta com o testemunho pessoal da irmã Graybeal.

O retorno tem sido incrível. A irmã Graybeal se recorda com carinho da primeira carta de agradecimento que recebeu da Rússia e de como se sentiu. "Ficamos tão emocionados! Não há palavras que possam expressar o que sentimos! Chorei muito".

Atualmente os Graybeals continuam a receber numerosos pedidos de literatura. Um trecho de uma das cartas dizia: "Tenho um desejo ardente de conhecer a Deus. Nunca desejei isso antes. Oro que o Senhor os inspire a me ajudar. Gostaria de saber mais sobre A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, e como podem ajudar-me a encontrar paz e alegria na vida. Por favor, enviem-me o que puderem".

Num encantador sotaque russo, Alexandria cita uma de suas escrituras favoritas: "Assim que já não sois estrangeiros, nem forasteiros, mas concidadãos dos santos, e da família de Deus" (Efésios 2:19). Ela sabe que onde quer que vivamos o Senhor está sempre perto e apto a nos ajudar. □

A ortografia dos nomes russos foi modificada.

MENSAGEM MÓRMON

INDO A LUGAR NENHUM?



“Sede determinados em um só pensamento
e um único coração
e unidos em todas as coisas.”

(2 Néfi 1:21)



3 DA NOVA ZELÂNDIA

Janet Thomas



Para a maior parte do mundo, a Nova Zelândia parece um lugar distante de todos os demais. Entretanto, os neozelandeses não se sentem sozinhos. Reconhecem que seu belo país é um lugar maravilhoso para se viver, mesmo que não sejam mencionados nos noticiários mundiais com muita frequência. É um lugar bonito, repleto de verde, com duas ilhas enormes agrupadas a inúmeras outras pequeninas, tendo mais ovelhas que pessoas. Assim como a ovelha reconhece a voz do querido pastor, também os santos dos últimos dias neozelandeses atendem à voz dos profetas.

À esquerda: Apii Rota, no alto à direita tem grande amizade pelas Lauréis de sua ala.

Acima: Apii demonstra sua forma de campeã na arte de defesa pessoal.

Conhececi três jovens neozelandeses talentosos, para quem o evangelho é parte importante da vida.

TEREAPII ROTA

Cuidado com os pés de Apii!

Com um golpe bem dado, ela poderia nocautear-vos.

Os pés de Apii são perigosos apenas quando ela está participando de campeonatos de Tae-Kwon-do. Na vida diária, Tereapii Rota, dezesseis anos, de Tokorua, Nova Zelândia, é uma jovem alegre e simpática que atua como representante do conselho deliberativo de sua escola. Nas horas vagas, recebe treinamento de seu pai na arte de defesa pessoal. Destacou-se tanto nesta modalidade que venceu o campeonato nacional

À direita: Romaine Marshall, visto ao lado de seu pai, tenta ser uma boa influência para seus amigos não-membros. Embaixo: Romaine decidiu por si próprio que o evangelho será parte integrante de sua vida. Ele e seus companheiros da equipe de basquete fortalecem-se mutuamente com um sentimento de unidade.



feminino júnior de Tae-Kwon-Do. Ficou um pouco surpresa com seu sucesso, pois foi a primeira vez que participou seriamente de um torneio. "Muitas pessoas dentre os espectadores me apoiaram", diz Apii, um tanto incrédula. "E eu nem as conhecia".

Apii é a mais velha de seis filhos, e ela e um irmão de dez anos são os que levam mais a sério o treinamento com o pai. São sócios de um clube de esportes onde Apii treina frequentemente com meninos, pois não existem muitas mulheres em sua categoria para competir com ela.

Embora Apii passe a maior parte do tempo no clube, suas melhores amigas são as lauréis de sua ala. "Somos quatro lauréis muito unidas. Fazemos tudo em conjunto. É muito bom ter grandes amigas", diz Apii. "Divertimo-nos muito juntas. Não vemos as coisas pelo lado tão sério".

Olhar a vida com uma expressão risonha tornou mais fácil para Apii e suas amigas resistir às tentações que surgem quando temos dezesseis anos. "Acho que o mais difícil, quando temos essa idade", diz Apii, "é dizer não aos outros. Alguém nos convida para uma festa de aniversário ou para uma viagem. O pai e a mãe sabem o que provavelmente vai acontecer. Então, devemos apenas dizer não. Aquelas pessoas tentam convencer-nos a ir. Devemos continuar dizendo não". Entretanto,

Apii e suas amigas divertem-se muito, sem ferir os padrões da Igreja, e assim fica mais fácil para elas resistir aos convites de ir a festas que não devem ir.

Apii estar viva é parte do motivo que fez com que sua família se filiasse à Igreja. Quando contava oito anos, ficou gravemente enferma, com asma. Os missionários deram-lhe uma bênção e ela foi literalmente curada momentos mais tarde. "Estava realmente fraca", conta Apii. "Não podia fazer nada. Não conseguia comer ou beber. Logo que os missionários disseram amém, fiquei boa. Abri os olhos e pedi algo para beber. Todos sorriram aliviados. Concentrei-me na bênção. Sabia que me faria sentir melhor. Tinha quase nove anos quando nos filiamos à Igreja".

Apii tem planos de continuar estudando. Gostaria de ingressar na universidade e estudar administração de empresas.

Nesse ínterim, cuidado com os "pés voadores" de Apii.

ROMAINE MARSHALL

Quando Romaine está jogando basquete em frente de sua casa, precisa apenas erguer os olhos para ver o templo branco, destacando-se na colina verdejante. Romaine mora quase literalmente à sombra de um templo SUD. Sua vizinhança é

composta quase que inteiramente de membros da Igreja. Muitos de seus amigos e colegas de escola também são membros da Igreja, assim como seus professores, e a equipe principal de basquete da escola é composta quase que só de membros.

Romaine mora em Temple View, Nova Zelândia, e frequenta a escola da Igreja na Nova Zelândia, que corresponde aos cursos primário e secundário. Está cercado por membros da Igreja, mas não a frequenta apenas para ser aceito socialmente. Está decidindo por si mesmo como vai viver a sua vida — e ela incluirá o evangelho.

Romaine, dezessete anos, e seus companheiros da equipe de basquete da escola da Igreja são conhecidos nacionalmente na Nova Zelândia. A escola ganhou o campeonato nacional de basquete estudantil durante cinco anos seguidos, até há dois anos, quando a equipe ficou em terceiro lugar. Romaine não gosta de falar sobre isso. Eles passaram pela dolorosa experiência de ter que explicar a derrota aos outros estudantes, quando voltaram para a escola. Não desejavam passar por isto novamente. A equipe estava determinada a recuperar o primeiro lugar no campeonato. E conseguiram. No ano seguinte, as equipes principais de basquete feminino e masculino ficaram em primeiro lugar nos torneios nacionais de basquete.

Jovem talentosa que aprecia participar de música e dança com seus amigos, Lucy Silver também usa seu dom artístico para revelar a beleza do mundo que a cerca.



“Quando participávamos dos torneios”, diz Romaine, “chamávamos muito a atenção por sermos mórmons. As demais equipes nos achavam diferentes por não usarmos linguajar vulgar, mas ainda assim os divertíamos”. Como a equipe da escola da Igreja é tida como vencedora, as outras se preparam muito bem para os jogos. “Todos dão o melhor de si ao jogarem conosco”.

Romaine tem amigos que conheceu quando freqüentava a escola primária perto de Hamilton, que não têm a mesma crença que ele, mas ainda assim são bons amigos. “Procuro ser amigo deles”, diz Romaine, “mesmo quando eles tomam um caminho diferente. Posso aconselhá-los a não fazer certas coisas e eles me ouvem um pouco. Quando eu era mais jovem, às vezes era influenciado por eles, mas agora não sofro mais qualquer pressão por parte deles. Não me importo se eles não gostam de mim por dizer-lhes o que fazer ou o que é certo. Romaine lidera em vez de ser liderado, e ainda assim mantém a amizade de seus amigos não-membros.

Romaine gostaria de ser um atleta profissional, mas na Nova Zelândia, como em outros países, ocupar um lugar de destaque no basquete — jogar na equipe nacional — não é uma profissão. Por isso, Romaine tenciona ser treinador ou professor, e como tem aprendido muito sobre



como tomar decisões, ele certamente será um ótimo professor.

LUCY SILVER

Seu nome completo é Lucianne, mas todos os seus amigos em Temple View chamam-na de Lucy. Nas horas vagas, está sempre com seus materiais de desenho por gostar muito de desenhar.

"Costumava observar meu irmão quando eu era pequena", conta Lucy, de dezesseis anos. "Como ele é surdo, achamos que foi abençoado com bons olhos. Ele desenha realmente bem. Eu costumava observá-lo durante horas, e foi assim que fiquei interessada. Ele me ensinou a desenhar".

Lucy sente saudades de seu irmão mais velho, que agora está casado e vive na Austrália. Saber que ele está feliz, contudo, deixa-a feliz também.

Lucy é aluna da escola da Igreja na Nova Zelândia e é conhecida por seu trabalho na área das artes. Destaca-se em desenho e pintura, gosta de música e é uma excelente bailarina.

Entretanto, em Lucy há um lado introspectivo e sério. Sua família é membro da Igreja desde que ela era pequena, mas ela sentiu necessidade

de saber por si mesma a respeito da veracidade do evangelho. "Cheguei ao ponto onde precisava passar de minha fé infantil para um conhecimento real", declara Lucy. "O mundo é por demais incrível para ter simplesmente surgido por acidente".

Se tivesse amigos que se esforçassem por obter um testemunho, Lucy daria o seguinte conselho: "Se apenas tentar ter o desejo de saber a verdade, se usar os princípios do evangelho e começar a testá-los, poderá saber por si mesmo. O evangelho significa servir ao próximo. Temos um sentimento tão agradável quando servimos e seguimos os princípios do evangelho! A pessoa deve orar sempre e continuar tentando; então o testemunho chegará lentamente. Não acontece por acaso. Algumas vezes poderá sentir fortemente o Espírito, mas geralmente ele chega mais lentamente".

Lucy gosta de morar bem perto do templo. "Vejo muitas pessoas viajarem grandes distâncias para virem ao templo", conta ela. "Sinto-me solidária com elas. Observar o esforço destas pessoas faz com que aprecie morar em Temple View, pois

algumas vezes não damos o devido valor a isso. Quando, porém, notamos as reações de outras pessoas quando vêm ao templo, reconhecemos o quanto somos privilegiados".

A visão artística de Lucy com relação à vida é linda. □





AINDA NÃO ERA MINHA HORA

Carlos José Garcia



Certa tarde de abril de 1989, Pablito, uma das muitas crianças que moram em meu condomínio, veio correndo pedir-me ajuda. Fora roubado e maltratado por três meninos de treze anos, disse, e queria que eu o ajudasse a recuperar o relógio e a corrente que haviam roubado. Quando me aproximei dos

rapazes, eles não correram como normalmente faziam. Pedi-lhes que devolvessem o relógio e a corrente de Pablito. Simplesmente me ignoraram. Revistei-os, então, mas não encontrei nada. Ficaram contrariados com minha atitude, e quando eu deixava o condomínio, fizeram ameaças e insultaram-me, mas não os levei a sério.

Dois dias mais tarde, soube por alguns amigos que vários rapazes haviam estado à minha procura.

Na segunda-feira seguinte, aproximadamente vinte e cinco rapazes vieram em minha direção. Não imaginava o que estava acontecendo até que um deles investiu contra mim e esmurrou-me o nariz. Tentei fugir, mas era tarde demais. Era impossível escapar deles. A princípio me espancaram e depois começaram a cortar-me com garrafas quebradas. De repente, senti algo gelado do lado esquerdo. Um deles esfaqueara-me perto das costelas.

O ataque terminou e a gangue fugiu quando dois carros da polícia chegaram. Um amigo ajudou-me a levantar, mas por causa da grande perda de sangue, eu estava muito fraco e quase

inconsciente. Além do ferimento à faca, eu tinha cortes profundos na cabeça e na coxa, e meu rosto estava muito machucado e inchado.

Um dos carros de polícia levou-me a um hospital local. Os médicos suturaram meus ferimentos e tiveram que me enviar a um hospital maior para tirar radiografias e verificar se havia danos internos.

Depois de examinar as radiografias, o médico disse que eu precisava de uma cirurgia de emergência para que ele pudesse avaliar e tratar adequadamente possíveis danos nos órgãos internos.

Enquanto aguardava a cirurgia, meu pai pediu para ficar comigo por alguns minutos. O médico recomendou-lhe que fosse breve. Então, meu pai e outro portador do sacerdócio colocaram suas mãos sobre minha cabeça e deram-me uma bênção.

Após estar na sala de cirurgia me operando por algum tempo, o médico saiu e disse a meu pai: "O ferimento à faca é muito profundo, mas a lâmina não atingiu nenhum órgão vital. Precisei apenas limpar o ferimento. Não sei o que fizeram quando puseram as mãos na cabeça dele, mas seja o que for, funcionou".

Fiquei no hospital durante quatro dias e em convalescença por mais três meses — retardando meu tão esperado chamado missionário. Rapidamente recuperei o sangue que havia perdido, meus ferimentos cicatrizaram e logo pude levantar-me e andar.

Sei que foi pelo poder do sacerdócio e pela fé em Jesus Cristo que estou vivo hoje. Sei que o Senhor queria que eu servisse onde estou agora, na Missão Venezuela Maracaibo. Sou grato por ele ter-me poupado a vida para que eu pudesse trabalhar em sua vinha. □





POR QUE NÃO ESTAMOS LEVANDO O EVANGELHO A TODAS AS NAÇÕES?

Por que não estamos fazendo a obra missionária em todos os países do mundo, visto que o Senhor declarou que deveríamos levar o evangelho a toda nação, tribo, língua e povo?

Perguntas de interesse geral respondidas à guisa de orientação, não como pronunciamento oficial da Igreja.



*Daniel H. Ludlow
Professor de Doutrina do Evangelho da
Ala Provo Pleasant View Cinco*

Há várias razões pelas quais não estamos fazendo oficialmente a obra missionária em alguns países. Uma análise dos princípios relacionados a este assunto pode ser encontrada em algumas de nossas Regras de Fé.

“Cremos na submissão aos reis, presidentes, governadores e magistrados, na obediência, honra e manutenção da lei” (12ª Regra de Fé).

Alguns países têm leis que proíbem uma pessoa de tentar persuadir outra a mudar suas crenças

religiosas, com penalidades para ambas. Por meios legais e políticos, os líderes da Igreja estão tentando influenciar os líderes desses países para que mudem suas leis, mas a menos que a Igreja seja reconhecida legalmente para fazer proselitismo ativo no país, nenhuma missão oficial é organizada.

A Igreja obteve, em alguns desses países, permissão para que seus membros que lá residem se reúnam, contanto que não tentem envolver ou converter outras pessoas.

Princípios importantes relativos à

obra missionária são encontrados também na quinta regra de fé: “Cremos que um homem deve ser chamado por Deus, pela profecia e pela imposição das mãos, por quem tenha autoridade, para pregar o evangelho e administrar as suas ordenanças”.

O reino de Deus na terra é uma casa de ordem, e os missionários ou representantes do reino são chamados e enviados por Deus por intermédio de seus líderes autorizados. É realmente verdade a declaração do Senhor de que o evangelho será pregado a toda nação, tribo, língua e povo antes da Segunda Vinda. No entanto, o Senhor também afirmou muitas vezes, nas escrituras, que sua obra será feita em seu próprio e devido tempo, e a seu modo. O Senhor também nos instruiu a não procurar aconselhá-lo.

Como ensinou o Presidente Spencer W. Kimball, portanto, devemos preparar-nos para levar o evangelho para onde quer que o Senhor ordene e devemos também orar para que Deus toque o coração dos líderes das nações, a fim de que permitam a obra missionária. O momento exato, contudo, em que os

missionários serão enviados a um país em particular, será determinado pelo Senhor e revelado por meio de seus líderes.

Note-se o grau de preparação sugerido pelo Presidente Kimball: “Quando tivermos ampliado o número de missionários das áreas organizadas da Igreja a um total próximo de seu potencial, isto é, ter todo jovem capaz e digno da Igreja no campo missionário; quando toda estaca e missão no exterior estiver enviando missionários suficientes para as necessidades locais; (. . .) quando tivermos usado nossos homens qualificados para ajudar os apóstolos a abrirem essas novas áreas para o trabalho; quando tivermos tirado o máximo proveito dos satélites e descobertas correlatas, e de toda a mídia — jornais, revistas, televisão, rádio — quando tivermos organizado grande número de outras estacas para servirem de trampolim; quando tivermos reativado os numerosos jovens que atualmente não são ordenados, não cumpriram missão e não se casaram; então, e só então, estaremos mais próximos da insistência do Senhor e Mestre de

irmos a todo o mundo e pregar o evangelho a toda a criatura” (“Ide por Todo o Mundo”, *A Liahona*, novembro de 1974, p. 5).

Nos anos seguintes a essa declaração significativa e profética do Presidente Spencer W. Kimball, vimos como o Senhor está estendendo sua obra à medida que nos preparamos para ajudá-lo. Por fim, o evangelho será levado a toda nação, tribo, língua e povo. Nesse meio tempo, devemos fazer o melhor que pudermos, como pessoas e como igreja, nas responsabilidades que já nos foram designadas. Quando aprendermos a dar todo nosso coração, poder, mente e força a nossas designações atuais, estaremos preparados para ajudar o Senhor a estender sua obra a outras áreas.

Em 6 de outubro de 1990, na 160ª Conferência Geral Semestral da Igreja, o Presidente Gordon B. Hinckley citou o Presidente Ezra Taft Benson:

“Com toda minha alma testifico que esta obra irá adiante até que toda a terra e todos os povos tenham tido a oportunidade de aceitar nossa mensagem. Barreiras

serão derrubadas para que cumpramos essa missão, e alguns de nós veremos isso ser feito. O Pai Celestial fará com que as condições do mundo mudem para que o evangelho possa penetrar em todas as fronteiras . . . Diariamente temos que provar que estamos dispostos a fazer a vontade do Senhor — espalhar o evangelho restaurado, prestar testemunho ao mundo, falar sobre o evangelho com outras pessoas” (“Esta Obra Irá Adiante”, *A Liahona*, janeiro de 1991, p. 3).

Em conclusão, o Profeta Joseph Smith declarou:

“O Estandarte da Verdade foi erguido; nenhuma profana mão deterá o trabalho em seu progresso; perseguições poderão ser desencadeadas, turbas reunidas, exércitos preparados, calúnias espalhadas, mas a verdade de Deus irá adiante intrépida, nobre, independente, até que haja penetrado cada continente, visitado todos os climas, varrido todos os países e soado em cada ouvido, até que os propósitos de Deus sejam cumpridos e o Grande Jeová diga que o trabalho está terminado” (*History of the Church*, 4:540). □

EDIFICAR UM LAR

Toda mulher sábia edifica a sua casa" (Provérbios 14:1). Uma mulher pode morar em uma casa de barro, sapé, madeira, tijolo ou pedra. Pode ser casada ou solteira, com ou sem filhos. Sejam quais forem as circunstâncias, toda mulher edifica seu lar. Isto exige um projeto, um plano.

A Presidente Geral da Sociedade de Socorro, Elaine L. Jack, explica a importância do planejamento no lar: "Para uma mulher SUD, a palavra *economia doméstica* tem grande significado, já que todas as tarefas desempenhadas no lar, viva ela sozinha ou com outros familiares, é realizada com uma perspectiva eterna e isto requer o melhor de nós".

"Economia doméstica engloba ternos relacionamentos familiares, além da preocupação constante de toda dona de casa prudente, jovem ou idosa, de alimentar, de vestir sua família e de cuidar dela."

Que ampla gama de atividades sugere o termo economia doméstica?

AMOR E APRENDIZAGEM

Ao enfatizarmos o amor e a aprendizagem, podemos fazer com que nossos afazeres diários, no lar, reflitam valores eternos. O Presidente Thomas S. Monson declara que o lar é sala de aula onde os membros da família formam suas opiniões e adquirem as mais profundas convicções. "Nossos lares são o laboratório de nossa vida" (A *Liahona*, janeiro 1992, p. 76).

Uma mulher sábia não dá prioridade ao requinte da casa, deixando de abençoar as pessoas que fazem parte da família. "Os afazeres domésticos, lavar e passar roupas, ficarão sempre comigo mas será que meus três filhos pequenos ficarão?" pergunta Pamela Saley da Cidade do Lago Salgado. "Lembro-me de quando me divertia com meus filhos — brincando descalços no quintal por uma hora, construindo uma estação espacial dentro de casa, com todos os brinquedos, numa tarde fria de inverno . . . Tenho boas recordações e espero que meus filhos também as tenham com o passar dos anos" (*Ensign*, março 1984, p. 33).

Ao edificarmos nosso lar, valorizamos mais o crescimento espiritual do que as posses materiais. Na família Hapi, de Nuhaka, Nova Zelândia, os pais querem ensinar os cinco filhos a serem econômicos,

pagar o dízimo e as ofertas ao Senhor e a viver dentro de suas posses. Quando os filhos se queixam de que os amigos possuem mais bens materiais do que eles, a irmã Hapi lembra: "Estamos nos preparando para a eternidade, não para hoje, e não poderemos levar coisas materiais para lá".

Como o amor de uma mulher à família afeta suas prioridades no lar?

ORAÇÃO E AUTO-ESTIMA

Se edificar um lar parece ser uma tarefa além de nossa capacidade, devemos lembrar-nos que teremos a ajuda divina à nossa disposição, se a pedirmos. "Tudo que em meu nome pedirdes ao Pai, ser-vos-á dado, se for para vosso bem" (D&C 88:64).

Para mantermos o equilíbrio adequado em nossa vida, também precisamos cuidar de nossa própria saúde física, mental e espiritual. A ex-Presidente Geral da Sociedade de Socorro, Barbara Smith, salientou: "Essencialmente nós somos responsáveis por nossa própria felicidade. É nossa atitude, nossa aceitação, nossa compreensão inteligente que faz a diferença" (*Ensign*, março de 1976, p. 22).

Pedimos às irmãs que pensem em seu lar como um lugar para se estabelecer bons exemplos, ensinar, prover bem-estar e refúgio nas épocas difíceis e abençoar a vida de todos os que vivem nele.

Quais algumas coisas que podemos fazer para encontrar alegria na edificação de nossos lares? □





INUNDAÇÕES, VENTOS, E AS PORTAS DO INFERNO

Arthur R. Bassett

Cristo concluiu o grande sermão aos nefitas com quatro princípios que nos ajudam a edificar nossas casas — nossas vidas — sobre a rocha do seu evangelho.

O grande sermão que Jesus proferiu aos nefitas é um documento incrivelmente rico. Pode ser, literalmente, analisado de dezenas de modos. O seguinte é simplesmente uma das formas de se ver a conclusão do sermão, baseado na tradução de Joseph Smith de seu correspondente na Bíblia — o Sermão da Montanha.

De acordo com este modo de interpretar o sermão, o primeiro capítulo (3 Néfi 12 ou Mateus 5) enfatiza basicamente como deve *ser* um discípulo de Jesus — iniciando com os atributos alistados nas beatitudes e terminando com o mandamento de ser perfeito, como nosso Pai que está nos céus é perfeito.

O capítulo seguinte (3 Néfi 13 ou Mateus 6) centraliza-se no que os discípulos do Senhor devem *fazer* para obter ajuda de Deus na busca de maior perfeição e santidade — jejum, oração sincera, e dar esmolas de tal maneira que apenas Deus saiba do seu esforço, para que sua recompensa venha exclusivamente de Deus e não dos homens.

Na tradução inspirada de Joseph Smith do capítulo final do sermão (3 Néfi 14 ou Mateus 7), o Salvador ensina a seus discípulos o que devem *dizer* ao partilhar o evangelho com outros. O primeiro versículo deste capítulo, de acordo com a tradução do Profeta, explica que as palavras seguintes são as que Jesus ensinou seus discípulos a dizerem ao povo. O que então sucede, na versão do Profeta é, por vezes, um diálogo entre o Mestre e seus discípulos, em vez da continuação de um sermão formal.

Se esta é uma mensagem para todos os que desejam compartilhar o evangelho, então este último capítulo (como se apresenta atualmente), constitui o que pode ser visto como uma mensagem de quatro partes, para conversos em potencial, assim como um bom conselho para todos os membros da Igreja de Cristo:

1. Não julgar ou condenar os outros; em vez disso, procurar primeiro e acima de tudo aperfeiçoar a própria vida.

2. Aprender primeiro a comungar com Deus, em vez de buscar compreender imediatamente “os mistérios do reino”.

3. Fazer convênios com o Senhor, percebendo que, ao fazê-lo, poderá receber grandes bênçãos, mas também poderá enfrentar dificuldades e desafios.

4. Procurar amar o próximo, atendendo aos sussurros e às orientações do Espírito, e, se não encontrar perfeição nos membros da Igreja, não considerar isso uma falha do evangelho.



FOTOGRAFIA DE JO CLARK

Procurar aperfeiçoar a própria vida, em vez de julgar ou condenar os outros.

perpetradores de julgamentos injustos, e sabemos o que isso causa nos relacionamentos.

Parece, contudo, quase impossível entrar em qualquer tipo de relacionamento sem julgar — intencionalmente ou não. Creio que todos nós podemos lembrar-nos de um julgamento precipitado que fizemos em determinada ocasião, somente para nos lamentar mais tarde. Embora certamente ocorressem outros

incidentes em minha vida, lembro-me especialmente de um que ainda me causa constrangimento.

Certo dia, enquanto dava aula no instituto de religião anexo à Universidade de Utah, fiquei aborrecido quando uma pessoa sussurrou algo a outra durante toda a oração de abertura. Não foi difícil localizar as partes culpadas, pois continuaram a cochichar durante a aula. Fiquei olhando para elas, esperando que percebessem a insinuação, mas não pareciam notar. Várias vezes, durante aquela hora, fui tentado a lhes pedir que fossem conversar fora da classe, se achavam que o assunto era tão urgente — mas, felizmente, algo impediu-me de dar vazão a meus sentimentos.

Depois da aula, uma delas me procurou e desculpou-se por não haver explicado, antes da aula, que a amiga era surda. A amiga sabia ler lábios, mas como eu falava — como freqüentemente faço — de costas para a classe, enquanto escrevia no quadro negro e falava sobre o ombro, minha aluna “traduzira” para sua amiga, repetindo-lhe o que eu dissera. Até hoje sou grato por ambos termos sido poupados do embaraço que poderia ter ocorrido se eu tivesse dado vazão a um julgamento que fizera sem conhecer as razões.

Entretanto, os julgamentos mencionados no sermão do Salvador, parecem ser, particularmente, os

EVITAR JULGAMENTO INJUSTO

Quando era um jovem missionário, percebi que aqueles que haviam entrado para a Igreja às vezes criticavam os que não haviam abraçado os ensinamentos dos missionários com a mesma dedicação que eles demonstravam. Queriam mudar os outros antes mesmo de haverem se transformado por completo. Também vi missionários e membros que pareciam ter este problema.

Crítica negativa ou “julgamento injusto”, como o Senhor menciona, parece ser um defeito comum dos mortais. Pode ser uma forma de farisaísmo e também um meio de desculpar as próprias faltas.

Entretanto, como sugerem Paulo e Mórmon, o evangelho centraliza-se em três atributos cristãos: a fé, a esperança e a caridade — caridade (o puro amor de Cristo) é o mais importante. (Vide I Coríntios 13; Morôni 7:38–48.) O puro amor de Cristo é uma força unificadora que busca ajudar, enquanto a crítica e o julgamento injusto fazem o oposto. Muitos de nós, infelizmente, temos sido tanto vítimas como



**Aprender primeiro a
comungar com Deus, em vez
de buscar "os mistérios
do reino".**

juulgamentos feitos por aqueles que têm necessidade de mudar muitas coisas na própria vida. É como se o completamente cego estivesse tentando realizar uma delicada cirurgia nos olhos do parcialmente cego.

Joseph Smith torna claro em sua tradução de Mateus 7:1 que o Senhor deseja que seus discípulos façam julgamentos *corretos* e não julguem injustamente. O julgamento justo é feito sob a influência do Espírito por aqueles que estão procurando tornar-se receptores dignos do Espírito. Este tipo de julgamento sempre edifica ao invés de destruir.

Maravilho-me com a sabedoria da declaração do Senhor: "Com a medida com que tiverdes medido vos não de medir a vós" (3 Néfi 14:2). Jesus explicou a mesma idéia anteriormente, quando permaneceu com a grande multidão, ensinando-lhes sobre a oração: "Perdoa-nos as nossas dívidas assim como nós perdoamos nossos devedores" (3 Néfi 13:11). Ele estava tão absorto na idéia de ensinar esse princípio que, após completar a citação que veio a ser conhecida como o Pai Nosso, o Salvador reiterou sua preocupação:

"Porque, se aos homens perdoardes as suas ofensas, vosso Pai Celestial também vos perdoará.

Mas, se aos homens não perdoardes as suas ofensas, tampouco vos perdoará vosso Pai as vossas" (3 Néfi 13:14-15).

Em suma, seremos julgados pelo mesmo parâmetro que usamos para julgar os outros. Se eu for uma pessoa misericordiosa, Deus será misericordioso para comigo no julgamento final; se for uma pessoa implacável, não devo esperar perdão no juízo final. Se não sou compassivo, não sou semelhante a Deus, portanto, não sou candidato às responsabilidades e conseqüentes bênçãos de uma

vida como a dele. Se não sou compassivo, a justiça me relega a uma menor posição de responsabilidade nos reinos de Deus. A misericórdia divina não pode sobrepor-se ao elemento de justiça, porque sou o que sou — e não estou *preparado* para receber mais poderes do que outros, certamente não o tipo de poder associado à exaltação no reino celestial. Na verdade, revelo meu verdadeiro caráter pela maneira como julgo os outros.

Mais tardê o Salvador disse aos Doze Discípulos escolhidos no Novo Mundo:

"E sabeis que sereis os juízes deste povo, de acordo com os julgamentos que vos darei, os quais serão justos. Portanto, que classe de homens deveis ser? Em verdade vos digo que deveis ser como eu sou" (3 Néfi 27:27).

BUSCAR O SENHOR, E NÃO OS MISTÉRIOS

Após comentar a questão do julgamento, em seu grande sermão, o Senhor trata do problema de se falar sobre assuntos sagrados com aqueles que ainda não estão preparados para compreendê-los. (Vide 3 Néfi 14:6-11.)

Ao instruir os discípulos a guardarem os mistérios do reino dentro de si, e ao dizer-lhes que ensinassem as pessoas a pedir, buscar e encontrar, o Salvador apresentou um padrão que nos guia na busca do conhecimento do evangelho.

O que segue essa instrução é esclarecido na Tradução de Joseph Smith do Sermão da Montanha, pelo diálogo entre o Salvador e seus discípulos. Quando ele instruiu os recém-chamados missionários a ensinarem as pessoas a buscar uma comunicação pessoal com Deus, os discípulos na Palestina responderam que os incrédulos



**O batismo traz desafios,
bem como as conseqüentes
bênçãos.**

diriam saber que Deus ouvira Moisés e alguns dos profetas, mas que não os ouviria.

Em resposta, Jesus usa a analogia dos filhos que pedem pão e peixe ao pai, o qual, certamente, não os desprezaria. Por que então deveriam esperar ser desprezados pelo Pai Celestial que, mais do que qualquer coisa, quer que venham a conhecê-lo? (Vide 3 Néfi 14:9–11.) Eles poderão vir a conhecer os mistérios do reino, mas somente conseguirão fazer isso de modo eficaz se primeiro se achegarem a Deus e familiarizarem-se com a voz do Espírito. (Vide I Coríntios 2:9–14.)

Jesus a seguir une estas duas idéias — a idéia de julgar retamente e a de buscar a ajuda de Deus — em uma afirmação concisa, resumida, comumente chamada Regra de Ouro: Devemos tratar os outros da mesma maneira positiva que desejamos que nos tratem — e esforçar-nos por amar a Deus e ao próximo como a nós mesmos.

ENCONTRAR DIFICULDADES

Tenho visto pessoas se afastarem da Igreja porque entraram com a idéia de que ser membro da Igreja era uma garantia contra todos os seus problemas. Após o batismo na Igreja, descobriram que ser membro dela, embora uma experiência ricamente compensadora, acarreta responsabilidades e obrigações e pode mesmo trazer desafios e provações. Exige o uso de nosso tempo e requer nossos melhores esforços; faz com que convivamos com pessoas que às vezes nos irritam, nos frustram e com as quais preferiríamos não nos associar — pois, como o Senhor ensinou na Palestina, a rede do evangelho apanha todos os tipos de peixe. (Vide Mateus

13:47.) Chama-nos para um modo de vida que mais do que nunca requer o melhor de nós. Alguns membros novos simplesmente não prevêm a dificuldade nem reconhecem as bênçãos decorrentes de enfrentarmos tal desafio.

Jesus disse a seus discípulos que ensinassem os outros a esperar por essas coisas. Todos precisamos lembrar-nos de vez em quando que tal oposição é necessária para progredir. Na

verdade, a oposição pode ser o cerne da nossa compreensão de Cristo. Quão melhor nos sairemos, se formos desafiados a aceitar este sacrifício desde o início!

Para que alguém chegue a ser um perito em qualquer assunto, deve submeter-se a um exaustivo aprendizado. Nenhum dançarino, jogador de bola, ou músico se apresenta com facilidade até que tenha passado inúmeras horas em preparação e prática diligentes. Tenho que me lembrar disso toda vez que vejo um atleta ou dançarino apresentar-se com visível facilidade.

O mesmo acontece na vida com o crescimento e a liberdade. Cristo restringe seus discípulos em alguns aspectos, para libertá-los, enquanto Lúcifer parece “libertar” totalmente seus seguidores, para poder prendê-los para sempre.

PREVER IMPERFEIÇÃO ENTRE OS MEMBROS

O Salvador nos convida a confiar nele como nosso guia na busca da perfeição e santidade. Poucos são os que encontram o caminho, mesmo depois de terem entrado pela porta, é o que ele relembra a seus discípulos. Ele recomenda que os novos conversos tomem a ele como exemplo, e não a outros. Lobos (ao que parece, mesmo dentro da Igreja) aparecerão

disfarçados de cordeiros — como servos de Deus. Jesus nos lembra que indivíduos egoístas se farão passar por servos de Deus e que, portanto, devemos buscar o dom do discernimento, que nos ajudará a reconhecer os indivíduos cujas ações não estejam de acordo com sua intenção real.

Aproximadamente quatro séculos após o sermão do Salvador aos nefitas, o profeta Mórmon escreveu uma carta a seu filho Morôni, na qual fez uma interessante observação sobre este trecho do sermão. Os primeiros dezenove versículos de Morôni contêm, na verdade, os comentários de Mórmon sobre 3 Néfi 14:16–23. Nesta carta sobre fé, esperança e caridade, ele analisa minuciosamente a maneira de se distinguir o bem (nas pessoas e idéias) do mal.

De acordo com Mórmon, Jesus *não* deu a entender que uma pessoa má não pode realizar o que aparentemente são boas ações, mas sim que as próprias ações não são consideradas boas aos olhos de Deus, se o coração de quem as pratica não for puro:

“Porque me lembro da palavra de Deus, que diz: Por suas obras os conhecereis, porque, se suas obras forem boas, eles também o serão.

Pois eis que Deus disse que se um homem é mau, não pode praticar o que é bom, porque se oferecer uma dádiva ou uma oração a Deus e esta não foi feita com real intento nada lhe aproveitará.

Porque não lhe é imputada por justiça.

Pois eis que, se um homem mau oferece uma dádiva, fá-lo de má vontade; portanto, será considerado como se não tivesse feito a dádiva; conseqüentemente, é contado como mau perante Deus.

Igualmente, se um homem ora sem verdadeira



Buscar a orientação do Espírito, não esperando encontrar perfeição nos membros da Igreja.

intenção de coração, de nada lhe aproveita e lhe é imputado por mal, pois a esse não o recebe Deus.

Portanto, *um homem mau não pode fazer o que é bom, nem pode oferecer uma boa oferenda*” (Morôni 7:5–10; grifo nosso).

Segundo Mórmon, um homem peca se, ao orar ou ao dar esmolas, seus motivos não são puros. Portanto, de acordo com Mórmon, seremos julgados principalmente pelo que *somos*, e não exclusivamente pelo que fazemos. Além

disso, conforme Mórmon, o teste supremo do bem e do mal reside em a ação (ou a pessoa) trazê-lo ou não para mais perto do Espírito de Cristo: “Tudo o que incita à prática do bem e persuade a crer em Cristo é enviado pelo poder e dom de Cristo” (Morôni 7:16).

Quando era um jovem missionário, achava que aqueles a quem Cristo se referiu na parte do sermão que diz — vêm ante o trono do julgamento de Deus e clamam entrar no seu reino em virtude de em seu nome haverem profetizado e expulsado demônios, e feito muitas maravilhas (vide 3 Néfi 14:21–23) — eram os não-membros da Igreja. Fiquei surpreso ao descobrir mais tarde que o Presidente John Taylor ensinara que esta passagem se referia aos que estavam na Igreja, em vez dos que estavam fora dela:

“Quer dizer que ele se referia aos que estão fora da Igreja? Não, . . . Referia-se a vós, santos dos últimos dias, que curais os doentes, expulsais demônios e fazeis muitas maravilhas em nome de Jesus”. (De um discurso proferido na Conferência de Lago Salgado, em 6 de janeiro de 1879, como citado no livro *Doctrine and Covenants Commentary*, Hyrum M. Smith e Janne M. Sjodahl, Salt Lake City: Deseret Book, 1957, páginas 462–463.)

**Jesus nos convida a edificar
firmemente nossa casa
(nossa vida) sobre a rocha
de sua doutrina, para que
"as portas do inferno" não
prevaileçam contra nós.**

Para aqueles que no julgamento clamarem ser justos em virtude de boas ações, somente na aparência, o Senhor responderá: "*Nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, obreiros da iniquidade*, (3 Néfi 14:23; grifo nosso) — ou, como o Profeta Joseph traduziu na passagem correspondente da sua tradução de Mateus: "Vós nunca me conhecestes".

O segredo do sucesso está em vir a conhecer Deus: amá-lo, amar suas criações, e em chegar a pensar como ele pensa, sentir como ele sente e agir como ele age. Como Jesus ensinou na última oração que proferiu antes de ser crucificado: "E a vida eterna é esta: *que te conheçam*, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste" (João 17:3, grifo nosso). Ganhamos a vida eterna — a vida de Deus (vide Moisés 7:35) — quando conhecemos Deus na totalidade do sentido, comungando com ele, participando do seu Espírito e poder, envolvendo-nos em seu trabalho, e finalmente nos tornando como ele.

EDIFICAR SOBRE A ROCHA

A conclusão do sermão é um convite de Jesus a todos para edificar suas casas (suas vidas) sobre a rocha (vide 3 Néfi 14:24–27.) Na realidade, esta também foi a mensagem da introdução do sermão.

Ao iniciar o sermão, Jesus pregou aos ouvintes os princípios da fé em Cristo, do arrependimento e da concessão do Espírito Santo. Ele chamou estes princípios de sua doutrina e declarou que "os que edificam nela edificam sobre minha rocha, e as portas do inferno não prevalecerão contra eles" (vide 3 Néfi 11:31–39) — uma poderosa metáfora para os nefitas ali reunidos, pois recentemente haviam presenciado não somente suas casas, como também a maior parte de sua civilização ruir sob o impacto de enchentes, ventos e terremotos. Agora estavam sendo chamados a

construir uma nova civilização sobre um alicerce mais seguro.

Na realidade, outro modo de analisar o último capítulo do sermão, é observá-lo como uma maneira alternativa de falar sobre estes mesmos princípios básicos: arrepender-se em vez de julgar; ter fé em Cristo em vez de acreditar em mistérios e ensinamentos esotéricos; ser batizado, entrando pela porta estreita; e procurar a orientação do Espírito com o propósito de discernir o bem do mal na Igreja e no mundo.

De certo modo, estes quatro princípios são a essência de todo o sermão. Eles são, na verdade, tudo o que o evangelho ensina: ter fé em Cristo e no seu modo de vida, procurar tornar nossa vida mais semelhante à dele, pedir-lhe ajuda neste processo, fazendo convênios por meio de ordenanças como o batismo, e receber sua ajuda por intermédio do dom do Espírito Santo.

Como um educador, que passa até noventa por cento do tempo que permanece acordado explorando inúmeras idéias, às vezes fico assombrado com a vastidão e profundidade dos ensinamentos de Jesus. Cada questão, cada sistema que descubro em minhas explorações, parece já haver sido antecipado ou comentado em alguma parte da vasta série de ensinamentos do Mestre.

O que mais me impressiona, porém, é a simplicidade e a concisão que estão no cerne do Evangelho de Jesus Cristo. Depois que todos os edifícios ideológicos construídos sobre este alicerce simples foram destruídos, esse alicerce se revelou num princípio fundamental: o conceito de que após uma busca extensa e meticulosa, podemos vir a conhecer o Pai e o Salvador.

Tudo o mais é apenas uma variação sobre este tema básico. Essa é a mensagem do grande sermão de Cristo aos nefitas, bem como a que nos fortalecerá, como membros da Igreja, para que permaneçamos firmes contra as enchentes, os ventos e as portas do inferno, que de outra maneira nos destruiriam. □





Hong Kong mescla a sabedoria do velho mundo e a tecnologia moderna com uma surpreendente beleza natural, mas as verdadeiras pérolas da colônia são o seu povo.

PÉROLAS DO ORIENTE

Kellene Ricks

Os pais de Tony Wong fugiram da China Comunista para Hong Kong antes que ele nascesse. Seu pai não conseguiu encontrar trabalho na colônia britânica, e assim os pais “inverteram os papéis”, lembra o irmão Wong. “Meu pai nos dava as mamadeiras e trocava as fraldas, enquanto minha mãe trabalhava”.

Ela trabalhava por alguns dólares por dia — o que mal dava para pôr a comida na mesa e pagar a pequena e

humilde choupana em que a família morava. “Não tínhamos nem mesmo o suficiente para um ventilador elétrico”, observa o irmão Wong. E em um país em que as temperaturas no verão atingem os 32 graus, com quase 100 por cento de umidade, um ventilador é quase uma necessidade.

Tudo isso mudou quando os missionários foram visitá-los. A família ouviu o evangelho, e Tony, de oito anos, e os pais



Acima: Tony Wong encontra esperança no evangelho, enquanto Hong Kong enfrenta um futuro incerto. À direita: Kwok

Kam Tin, que aparece com a esposa e filhos, ensina aos jovens que o evangelho não é apenas uma religião de domingo.









FOTOGRAFIA DE LISA BEING

À esquerda: Stanley Wan, que aparece com a família, é coordenador regional de reativação, supervisiona a integração de membros novos e

ajuda-os a se envolverem no trabalho de suas alas. Abaixo: Camel Lok recebeu o apoio dos membros da ala ao entrar para a Igreja, quando adolescente.

foram batizados em 1960. (Uma irmã mais nova foi posteriormente batizada, ao completar oito anos.) Embora tivessem muito pouco dinheiro, a família pagou o dízimo. “Dois meses depois minha mãe arranhou um emprego extra, e conseguimos dinheiro suficiente para comprar um ventilador”, diz o irmão Wong. “O Senhor continuou a nos abençoar no decorrer dos anos”.

Hong Kong foi, e é, um lugar incomparável para se crescer. Chamada de “Pérola do Oriente” pelos primeiros visitantes que reconheceram a beleza natural e o potencial incomum daquele cantinho do Oriente, a ilha oferece uma rara mescla da sabedoria do velho mundo com a tecnologia moderna. O interior é calmo e exuberante, e as cidades são movimentadas e progressistas.

As verdadeiras pérolas da colônia, no entanto, são o seu povo, educado e refinado por uma história rica em

valores e tradição e um futuro cheio de desafios e potencial.

A civilização chinesa é uma das mais antigas do mundo, remontando a quase quatro mil anos. Família, obediência e respeito são princípios básicos para seu povo; assim, os ensinamentos do evangelho baseados nesses mesmos princípios não lhes são estranhos. A maioria dos habitantes de Hong Kong pratica algum tipo de taoísmo, confucionismo, ou budismo, com fortes elementos de adoração aos ancestrais.

Tony Wong, tendo sido criado e treinado na Igreja com o apoio da família, é uma exceção em Hong Kong. A maioria dos membros é formada por conversos de primeira geração, muitas vezes com famílias que não entendem a “nova” religião.

“Foi difícil”, reconhece Camel Lok, que foi batizada quando adolescente. A família tolerava sua ida semanal à Igreja, mas Camel muitas vezes sentia-se só na busca de



FOTOGRAFIA DE KELLINE BUCKS

Abaixo: Chan Yue Sang, policial graduado, gosta de compartilhar o evangelho com seus colegas. À direita: Caroline Kwok, que

aparece aqui com uma aluna, abriu uma escola noturna para os membros da Igreja que desejam aprimorar sua educação.

crescimento e aprendizado espiritual.

“Não teria conseguido sem meus amigos da ala”, explica ela. “As reuniões de domingo realmente me fortaleciam para a semana seguinte.”

Agora Camel e seu marido, Gary, ambos ex-missionários, dão apoio um ao outro e esperam criar sua filha com uma sólida base no evangelho.

Outros casais fazem o mesmo. O bispo Chan Yue Sang e sua esposa, Kit Fong, têm quatro filhos e são profundamente gratos pelo evangelho e pela diferença que ele faz em suas vidas.

Há dezessete anos, o bispo Chan, então um policial de vinte e quatro anos, ouviu pela primeira vez falar do evangelho quando freqüentava as aulas de inglês dadas por missionários SUD.

“O evangelho era belo para mim”, lembra ele. “Naquela época eu nem mesmo acreditava em Deus, mas quando eles ensinaram que poderíamos viver eternamente com

nossas famílias, achei que faria qualquer sacrifício para conseguir isso.”

Sua vida mudou muito após o batismo. Seis meses depois, já fora promovido no trabalho. Naquele verão, ele também passou algum tempo trabalhando com os missionários de tempo integral e ensinando o evangelho a outras pessoas. Uma das pesquisadoras que ensinou escreveu-lhe uma carta dois anos mais tarde, pedindo uma contribuição para a capela que estavam construindo em sua ala. Ele enviou algum dinheiro, reavivou a amizade entre os dois e casou-se com ela um ano depois.

“A maior recompensa que o evangelho me deu é minha família”, diz o bispo Chan.

COMPARTILHAR A RECOMPENSA

Uma das metas do bispo Chan é compartilhar essa recompensa com



FOTOGRAFIA DE KELLINE RICKS



FOTOGRAFIA DE LISA BERG



História da Igreja em Hong Kong

■ Agosto de 1852: São chamados os primeiros missionários SUD a servir na Ásia. Três missionários chegam a Hong Kong em 27 de abril de 1853. Ficam lá quatro meses antes de voltar para os Estados Unidos.

■ 14 de julho de 1949: Élder Matthew Cowley, do Quorum dos Doze Apóstolos, vai ao Victoria Peak em Hong Kong e profere uma oração pelo sucesso da obra missionária.

■ 25 de fevereiro de 1950: Os primeiros missionários desde 1852 chegam a Hong Kong e começam o proselitismo.

■ 31 de dezembro de 1950: Três pessoas são batizadas. Um ano

depois, oito missionários de tempo integral servem em Hong Kong. Insatisfação política e a deflagração da Guerra da Coréia impedem a continuação da obra missionária.

■ 1955: É organizada a Missão Extremo Oriente Sul. A nova missão abrange Hong Kong, Formosa, Filipinas e todo o sudeste da Ásia.

■ Maio de 1959: A missão tem 102 missionários de tempo integral, 12 dos quais são missionários locais.

■ 1965: Seis dos oito ramos de Hong Kong são presididos por irmãos chineses. Em dezembro, o Livro de Mórmon é publicado em chinês.

■ 1966: A primeira capela local construída pela Igreja é terminada em Yuen Long, uma cidade dos territórios novos.

■ 1º de novembro de 1969: Cria-se a Missão Hong-Kong Formosa.

■ 1º de janeiro de 1971: a Missão Hong Kong-Formosa é dividida, formando missões separadas em Hong Kong e Formosa.

■ 1974: É publicada a edição chinesa de Doutrina e Convênios.

■ Agosto de 1975: O Presidente Spencer W. Kimball visita Hong Kong durante uma conferência de área.

■ 25 de abril de 1976: Parte da missão Hong Kong torna-se estaca, com um total de 3.410 membros.

■ Maio de 1980: A Estaca Hong Kong é dividida. O total de membros das duas estacas é de mais de 9.000.

■ Novembro de 1984: São criadas mais duas estacas, e o número de membros da Igreja atinge os 13.000. (Também durante este ano é dedicado o templo de Taipé Formosa, para membros que falam chinês.)

■ 1990: A Igreja continua a crescer. Atualmente, há aproximadamente 17.000 membros em Hong Kong, com quatro estacas, vinte e três alas, e cinco ramos. □



FOTOGRAFIA DE MELLEN RICKS

outras pessoas. No ano passado, ele convidou os missionários para uma reunião mensal de treinamento na polícia, para fazerem uma apresentação sobre famílias. O treinamento incluiu educação familiar, serviços de bem-estar, reuniões de conselho de família, e entrevistas pessoais com os filhos. O programa de noite familiar também foi apresentado. Como resultado, um dos colegas do bispo Chan filiou-se à Igreja, e outros demonstraram interesse.

Lih Hang, o filho mais velho da família Chan, fará dezenove anos em 1997. Ele já guarda dinheiro e planeja cumprir uma missão. Um dos desafios da obra missionária em Hong Kong é a língua chinesa. Falam-se muitos dialetos, sendo o cantonês o predominante. Todos os dialetos têm sons e tons variados e é difícil aprendê-los, o que faz dos nativos os missionários mais eficazes. O número de missionários nativos tem variado nos últimos anos, sendo que um terço ou às vezes mais da metade dos missionários que servem em Hong Kong vêm da colônia. Com o aumento do número de membros na colônia, esse número deverá aumentar.

Um outro desafio, não exclusivo dessa área, é manter os conversos e reativar os membros menos ativos. Há dois anos, Stanley Wan foi chamado como coordenador regional de reativação. Trabalhando

com presidentes de missão de estaca e com os líderes da obra missionária das alas, o irmão Wan cuida de perto de todos os novos conversos, certificando-se de que ouçam uma série de lições para membros novos e se envolvam em suas novas alas.

“Estamos tentando acompanhar as pessoas, não apenas os números,” explica o irmão Wan. “Temos o nome de todas as pessoas recém-batizadas em nossos arquivos. Verificamos se esses membros novos receberam o sacerdócio, se receberam algum chamado, e se os mestres familiares os estão visitando.”

Cada quorum do sacerdócio e organização auxiliar também recebe a designação de verificar uma pessoa menos ativa a cada mês, e os líderes fazem um relatório do contato com essa pessoa na reunião de conselho da ala.

Além disso, dá-se ênfase ao ensino familiar. “Isso é um desafio para nós”, observa o irmão Wan. Como o espaço é limitado e várias gerações de uma família às vezes moram na mesma habitação pequena, os mestres familiares muitas vezes acabam visitando um membro em sua casa, enquanto os parentes assistem à televisão ou jogam *mah-jongo* (espécie de dominó) bem perto deles. Algumas alternativas são visitar os membros em parques próximos, ou na capela.

À medida que os conversos de Hong Kong crescem e progridem, o mesmo ocorre com a Igreja, observa Patrick Cheuk, instrutor do Sistema Educacional da Igreja. “É como o desenvolvimento das pessoas,” explica ele. “As crianças dependem dos pais para muitas coisas. À medida que crescem, porém, são mais capazes de fazer as coisas sozinhas.

A Igreja em Hong Kong está atingindo a idade adulta. Muitos de nossos jovens estão voltando da escola em outros países, e há também um número crescente de ex-missionários. A Igreja aqui vai beneficiar-se dessa dedicação e experiência.”

O próprio irmão Cheuk é um bom exemplo de converso de primeira geração experiente e devotado. Depois de filiar-se à Igreja e de cumprir uma missão, ele estudou no Ricks College, em Rexburg, Idaho, e posteriormente formou-se pela Universidade Brigham Young. Ele planejava trabalhar nos Estados Unidos, mas sentiu-se compelido a voltar para sua terra natal.

“Quando o Pai Celestial nos quer em algum lugar para fazer alguma coisa, ele tem um modo de nos colocar lá,” diz o irmão Cheuk, sorrindo. “Eu não estava entusiasmado com a minha volta, e foram alguns anos difíceis, mas não tenho dúvida de que devo estar aqui, fazendo o que faço.”

.....
Abaixo: Como em muitas cidades do mundo, os moradores compram produtos agrícolas em feiras ao ar livre. À direita: Patrick Cheuk, instrutor do

Sistema Educacional da Igreja, acha que a Igreja se beneficia com a experiência e o compromisso crescentes de seus jovens.

EQUILIBRAR O ANTIGO E O MODERNO

.....

Os jovens de Hong Kong enfrentam desafios especiais, tentando encontrar equilíbrio em uma sociedade presa entre o antigo e o moderno. Em uma sociedade com uma antiga tradição de lealdade familiar, os jovens atendem aos desejos de seus pais quase que instintivamente. Eles, no entanto, ficam divididos por um desejo quase que equivalente de acompanhar o que percebem ser um mundo que cresce e se transforma constantemente.

Os líderes da Igreja se esforçam por ajudar os jovens a encontrar o equilíbrio. As aulas do instituto e do seminário, oferecidas pelo Sistema Educacional da Igreja a partir de 1969 em Hong Kong, ajudam os jovens e os jovens adultos a fazerem amizade com pessoas que têm os mesmos valores e crenças. Nessas aulas, os jovens aprendem que o

evangelho não é apenas uma religião de domingo, explica Kwok Kam Tin, diretor adjunto interino de área do SEI.

“Eles podem aprender e estudar durante a semana e desfrutar a amizade e apoio dos outros,” diz o irmão Kwok. “Nas aulas também tentamos ajudá-los a entender o propósito da vida, as razões pelas quais estamos aqui. Todos nos esforçamos por ter uma perspectiva eterna e força suficiente para obedecer aos mandamentos, apoiarmos e amar uns aos outros, e compartilhar o evangelho com outras pessoas.”

O PODER EM CADA UM

.....

Nem sempre é fácil fazer essas coisas em um mundo que às vezes parece preocupado com a importância do dinheiro e dos bens materiais.

“O dinheiro e tudo o que ele pode comprar são bem visíveis



FOTOGRAFIA DE KELLIE FOKS



aqui,” comenta Caroline Kwok, formada pela Universidade Brigham Young. “Eu diria que o materialismo é um dos maiores desafios que enfrentamos como membros da Igreja. Os meios de comunicação estão constantemente transmitindo a mensagem de que todos poderíamos ser felizes se tivéssemos as roupas certas, os bens materiais certos, muito dinheiro.”

E, embora haja grandes residências particulares em Hong Kong, a grande maioria dos habitantes se esforça por ganhar dinheiro suficiente para pagar um pequeno apartamento nos edifícios de concreto espalhados por toda a parte. “A maioria de nossos membros se enquadra no segmento de renda baixa a média”, explica a irmã Kwok. A irmã Kwok, que é doutora em educação, sente que uma chave para ajudar os membros da Igreja a enfrentarem os desafios econômicos é a educação. As crianças de Hong Kong recebem nove anos de educação gratuita, mas o ingresso à escola fora desse limite é muito competitivo. A irmã Kwok abriu uma escola noturna, especial para membros da Igreja que trabalham durante o dia mas querem continuar os estudos. O currículo da escola combina conhecimento secular e princípios do evangelho com ênfase na capacidade de raciocínio. “O poder de progredir e crescer está em cada um de nós”, afirma a irmã Kwok. “Apenas devemos ter acesso a

ele com a ajuda do Senhor e acreditando em nossas habilidades”.

A TRANSIÇÃO DE 1997

Os habitantes de Hong Kong, membros e não-membros, enfrentam um outro desafio raro — uma mudança de vulto em seu governo, nos próximos anos.

Arrendada da China pelos últimos noventa e quatro anos, essa pequena colônia britânica tem a sua volta ao domínio chinês programada para 1997. (Vide o artigo anexo, p. 45.)

“É uma grande preocupação”, admite o bispo Chan. “Muitos estão nervosos, preocupados, temerosos. Eu também estava preocupado”. Não sabendo se deveria tentar pedir passaportes e autorização para emigração para ele e para sua família, o bispo Chan procurou a orientação do Senhor.

“Há um versículo em Êter 2 que me ajudou,” explica ele. “É o versículo 12. ‘E eis que esta é uma terra escolhida e toda nação que a possuir será livre da servidão, do cativeiro e de todas as outras nações debaixo do céu, se servirem ao Deus da terra, Jesus Cristo, que foi manifestado pelas coisas que escrevemos.’

Sei que essa promessa foi feita ao povo que vivia na América naquela época, mas creio que o povo de Hong Kong pode encontrar conforto e paz nela também. Se continuarmos

a adorar Jesus Cristo, acredito que ele estará conosco.”

Outras pessoas também têm a mesma convicção do bispo Chan. Caroline Kwok lembra que estava assistindo ao noticiário de 4 de junho de 1989 que mostrava a resposta do governo chinês aos estudantes que faziam uma manifestação em Pequim.

“Imediatamente fui para meu quarto, ajoelhei-me, e perguntei ao Senhor se ele sabia o que estava acontecendo na China. É claro que ele sabia. Senti grande conforto e paz com aquela confirmação.”

O irmão Tony Wong foi designado para falar durante uma reunião do sacerdócio da estaca. “Eu acho que a presidência da estaca queria que eu falasse sobre a emigração ser certa ou errada. Eu, porém, não sabia,” diz. Ele leu livros, verificou referências, e preparou-se durante duas semanas, mas na noite antes da reunião, ele ainda não tinha idéia do que iria dizer.

“Decidi que seria melhor fazer alguma coisa; ajoelhei-me e orei. Abri as escrituras.”

Novamente, a resposta e o consolo foram encontrados em Êter: “Portanto, todos os que crêem em Deus podem, com segurança, esperar por um mundo melhor, sim, até mesmo por um lugar à mão direita de Deus” (Êter 12:4).

“A razão para emigrar é a busca de um mundo melhor”, explica o irmão Wong. “As pessoas acham que será mais seguro, mais agradável ou mais

feliz viver em algum outro lugar. Esta escritura me fez perceber algo. Quando falei naquela reunião do sacerdócio, não falei sobre emigração — falei sobre crer em

Deus e em Jesus Cristo.

“Se me perguntarem se vou emigrar, direi que não. As pessoas estão preocupadas e temerosas, mas estamos esquecendo que temos o

evangelho, temos a ajuda do Senhor. O evangelho oferece esperança e a certeza de que o Pai Celestial sabe o que está acontecendo e que tudo está sob seu controle.” □

INFORMAÇÕES SOBRE HONG KONG

Geografia. Atualmente, Hong Kong é um território britânico que ocupa quase mil quilômetros quadrados ao sul da costa da China. Hong Kong é composta de várias porções de terra: uma extremidade da península chinesa que faz limite com a Província de Guangdong, duas grandes ilhas, e mais de duzentas ilhas menores.

História. A China cedeu a Ilha de Hong Kong à Gré-Bretanha em 1842, depois da Guerra do Ópio. A península de Kowloon tornou-se parte da colônia em 1860. Em 1898, a China arrendou os Territórios Novos, que vão de Kowloon até a fronteira chinesa, à Gré-Bretanha, por noventa e nove anos. O arrendamento expira em 1997. Em dezembro de 1984, os dois governos assinaram uma declaração que transformará Hong Kong em uma região administrativa especial da China em 1º de julho de 1997. Essencialmente, o acordo exige a continuação dos sistemas sociais, econômicos, legais e outros de Hong Kong por cinquenta anos.

Economia. Navegação, comércio e indústria são vitais para Hong Kong, que significa “Porto Perfumado” em chinês. É um porto livre; não são cobradas tarifas nas importações ou exportações. Hong Kong é uma das maiores entidades comerciais per capita, do mundo, com 36 por cento de sua população empregada na indústria. O turismo também é uma fonte significativa de renda.

População. Durante a ocupação

japonesa de Hong Kong na Segunda Guerra Mundial, a população da colônia diminuiu para 600.000. Após a guerra, um grande número de pessoas afluíu para a área. Hoje, a população é de aproximadamente 5.800.000, com 4.318 pessoas por quilômetro quadrado. Mais de 60 por cento dessa população vive na cidade. Aproximadamente 98 por cento da população é de descendência chinesa. □







Geri Christensen

Fazer a Diferença

Creio que todos, em alguma época da vida, anseiam sentir-se importantes e fazer algo pelo que serão lembrados pelas pessoas de todo o mundo — algo que mudará o curso da história e será fabuloso por seu significativo impacto na sociedade. Pelo menos, era assim que me sentia quando era uma adolescente.

Naturalmente eu sonhava ser rica e famosa, fazer a maior descoberta científica, ser a primeira mulher a pôr os pés na lua, ou ser presidente dos Estados Unidos. Por alguma razão, contudo, sabia que estas coisas provavelmente jamais aconteceriam — pelo menos para mim.

Eu não era exatamente o tipo de pessoa que se podia chamar notável. Era uma grande seguidora, mas jamais uma líder. Sabia que nunca seria a oradora da turma nem ganharia qualquer concurso ou show de talentos, além de ser desajeitada demais para sobressair-me nos esportes. Não que eu não tivesse tentado ou me preocupado com isso. Era apenas acanhada e faltava-me autoconfiança. Então, como poderia uma pessoa como eu causar algum impacto no mundo?

Perguntei a minha mãe o que achava que eu poderia

fazer. Disse-me ela que se eu terminasse o ano sem notas baixas no boletim escolar, isto certamente faria diferença na época de ir para a faculdade. Sabia que ela estava certa, mas não era exatamente isso o que eu tinha em mente.

Quando finalmente comecei a ficar sem idéias e sem esperança, recorri ao Senhor. Pedi-lhe que me auxiliasse a encontrar algo que não exigisse nenhum talento ou requisito especial, mas que me ajudasse a sentir que eu estava fazendo uma contribuição valiosa. Nada dramático, apenas algo que estivesse dentro de minhas possibilidades.

Logo depois, tive esta idéia genial. Era tão adequada para mim que eu sabia ser inspirada — jamais teria pensado nela por mim mesma. A idéia era a seguinte: eu deveria saber o nome de todas as pessoas com as quais entrava em contato regularmente e cumprimentá-las pelo nome sempre que as visse.

Comecei pela vizinhança e aprendi o nome de todos, até mesmo das crianças e dos animais de estimação. Depois memorizei o nome de todos os membros de minha ala. Quando consegui isto, comecei a decorar os nomes do pessoal da escola.

Ao me esforçar por conhecer as pessoas que me cercavam, percebi que podia identificá-las não somente pelo nome, mas também pelo título de "amigo".



Era uma escola grande, em uma cidade populosa, e levou bastante tempo, mas consegui. Não levei em conta as diferenças raciais ou sociais. A princípio, sentia-me um pouco constrangida ao cumprimentar e chamar pelo nome pessoas que nem conhecia e algumas vezes fiquei envergonhada ao chamá-las pelo nome errado. Entretanto, fui melhorando com o passar do tempo.

Era divertido ver quantos novos nomes eu podia aprender em um dia. De vez em quando as pessoas me olhavam perplexas ou perguntavam: "Você está tentando ganhar a eleição na escola ou algo parecido?" Na maior parte das vezes, porém, todos reagiam favoravelmente.

Fez diferença? Acredito que sim. Certa vez, o irmão Barton, o senhor mais idoso da ala, disse-me: "Acho que você é a única pessoa jovem nesta ala que sabe meu nome. É muito agradável quando você fala comigo e lembra quem sou eu".

Então, certo dia, na escola, achei um recado anônimo afixado em meu armário no vestiário da escola. Dizia o seguinte: "Grato por cumprimentar-me hoje. Sou novo na escola e nem pensei que alguém soubesse meu nome. Obrigado por fazer com que me sentisse bem-vindo".

Comecei até a gostar de pessoas que anteriormente me pareciam antipáticas ou convencidas. Ao começar a ser simpática e chamá-las pelo nome, elas retribuíram da mesma forma.

Entretanto, a maior mudança ocorreu comigo. Minha atitude mudou. Não me sentia mais uma pessoa medíocre ou inferior. Sentia-me uma pessoa especial, fazendo algo valioso que ajudava os outros. Sentia que eles se alegravam quando eu os chamava pelo nome e os cumprimentava com um sorriso. Talvez tenha feito apenas uma pequena diferença para eles, mas com a ajuda do Senhor, fez uma grande diferença para mim. □



A Conversão de Alma, de Gary Kapp

© 1990 Alan e Karen Ashton

Enquanto Alma, o filho, e os quatro filhos de Mosiah "tratavam de destruir a Igreja, . . . eis que o anjo do Senhor lhes apareceu; . . . com uma voz de trovão . . . É tão grande foi o seu assombro que caíram por terra" (Mosiah 27:10-12).



Colônia britânica que ocupa cerca de mil quilômetros quadrados ao sul da costa da China, Hong Kong enfrenta o desafio de encontrar o equilíbrio entre as antigas tradições e o desejo de manter-se de acordo com um mundo que muda constantemente. De que maneira os santos dos últimos dias encaram o desafio, e como reagem à incerteza, enquanto a colônia se prepara para voltar ao domínio chinês em breve? Vide “Pérolas do Oriente”, página 34.